

XI Colóquio Internacional Schopenhauer

Schopenhauer e o Eclipse da Razão

Schopenhauer and the Eclipse of Reason

Felipe dos Santos Durante¹ 

¹ Universidade Federal do Acre , Rio Branco, AC, Brasil

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relacionar a filosofia prática schopenhaueriana com o diagnóstico de tempo apresentado pelo filósofo crítico Max Horkheimer em seu livro *Eclipse da razão* (1947), obra baseada em uma série de palestras que Horkheimer ministrou na Universidade de Columbia por conta de seu exílio.

Palavras-chave: Schopenhauer; Horkheimer; Eclipse da Razão

ABSTRACT

This work aims to relate Schopenhauer's practical philosophy to the diagnosis of the times presented by the critical philosopher Max Horkheimer in his book *Eclipse of Reason* (1947), a work based on a series of lectures Horkheimer delivered at Columbia University during his exile.

Keywords: Schopenhauer; Horkheimer; Eclipse of Reason

1 INTRODUÇÃO

“Os dois filósofos que influenciaram de maneira decisiva o nascimento da Teoria Crítica foram Schopenhauer e Marx”¹. Essa célebre frase de Horkheimer, tão festejada

¹ “Die beiden Philosophen, welche die Anfänge der Kritischen Theorie entscheidend beeinflusst haben, waren Schopenhauer und Marx”. Horkheimer, M., *Kritische Theorie gestern und heute*, p. 336.

por nós, schopenhauerianos de ofício, é quase completamente ignorada pelos estudiosos da Teoria Crítica aqui no Brasil. Por isso mesmo, eu não poderia deixar de começar minha comunicação sem celebrá-la.

Também gostamos de lembrar que o primeiro livro de filosofia que Horkheimer leu foi o *Aforismos para sabedoria de vida*, em uma edição dada por seu amigo Pollock quando os dois estudavam francês em Bruxelas antes da guerra². Além disso, sabemos que o teórico crítico foi filiado à *Schopenhauer-Gesellschaft* e publicou cinco textos sobre a filosofia schopenhaueriana durante o que ficou conhecido como o seu período de produção tardio, a saber, *Schopenhauer e a Sociedade* (1955), *A Atualidade de Schopenhauer* (1961), *Religião e Filosofia* (1967), *Pessimismo Hoje* (1971), e *O Pensamento de Schopenhauer em Relação à Ciência e à Religião* (1972)³.

Para além desses fatos, amplamente conhecidos e disseminados com entusiasmo por schopenhauerianos/os de carteirinha, eu gostaria de explorar nesse meu texto um pouco do que poderíamos considerar as influências de Schopenhauer no texto *O Eclipse da Razão*. Aqui as influências do filósofo de Frankfurt seriam mais cifradas e em um sentido mais amplo, dado que não se trata de uma obra do período de produção no qual Horkheimer escreveu diretamente sobre o autor.

Para que isso possa funcionar minimamente, eu preciso (i) recuperar as linhas gerais do que Horkheimer denominou por *Teoria Crítica da Sociedade*, (ii) reconstituir as linhas gerais do *Eclipse da Razão*⁴ e, por último, (iii) traçar as possíveis influências da

² Cf. Jay, M., *A imaginação dialética*, p. 87.

³ *Schopenhauer und die Gesellschaft* (Schopenhauer e a Sociedade), publicado em 1955 no volume 36 do *Schopenhauer Jahrbuch*; *Die Aktualität Schopenhauers* (A Atualidade de Schopenhauer), publicado em 1961 no volume 42 do *Schopenhauer Jahrbuch*; *Religion und Philosophie* (Religião e Filosofia), publicado em 1967 no volume 48 do *Schopenhauer Jahrbuch*; *Pessimismus heute* (Pessimismo Hoje), publicado em 1971 no volume 52 do *Schopenhauer Jahrbuch*. Este texto foi uma versão ligeiramente modificada, com acréscimos, de uma conferência proferida em 11 de novembro de 1969; *Bemerkungen zu Schopenhauers Denken im Verhältnis zu Wissenschaft und Religion* (Observações sobre o Pensamento de Schopenhauer em Relação à Ciência e Religião), publicado em 1972 no volume 53 do *Schopenhauer Jahrbuch*.

⁴ Para referências textuais, utilizarei as seguintes edições: (i) tradução brasileira Horkheimer, *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2015; e (ii) edição inglesa Horkheimer, M. *Eclipse of Reason*. London/New York: Continuum, 2004. Abreviado como *Eclipse da Razão*, seguido por indicação da paginação na edição brasileira, seguida da paginação da edição em língua inglesa.

filosofia da vontade na obra em análise, tentando entender o motivo da afirmação tão forte com a qual inicie esse meu texto.

2 UMA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

O marco, por assim, dizer da origem da Teoria Crítica é o texto de Horkheimer de 1937 intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. Nela, o autor argumenta que a teoria tradicional teria a pretensão de explicar o mundo como ele é, organizando um conjunto de argumentos para compreender um fenômeno ou uma relação de fenômenos no mundo. Ela teria a pretensão de explicar como as coisas são e, além disso, seria capaz de prever o que vai acontecer e o que não pode acontecer. Por ter como finalidade o conhecimento puro, ela acabaria por manter uma rígida separação entre teoria e prática.

A prática deveria ser uma aplicação da teoria. Se a teoria mostra como as coisas são, a prática mostra como as coisas deveriam ser. A prática acaba sendo um conjunto de ideais que orientam a ação. Em sentido kantiano, um conjunto de princípios segundo os quais se deve agir para moldar a vida e moldar o próprio mundo. Nesse ponto de vista, a distância entre o que é (prática) e o que deve ser (teoria) nunca é superada, pois elas possuem lógicas de operação distintas. Se fazer teoria significa mostrar como as coisas realmente são, deixamos de mostrar como elas poderiam ser. Se fizermos da teoria uma aplicação da prática, as coisas são como elas devem ser, e, com isso, eliminamos a possibilidade de que as coisas sejam diferentes daquilo que elas são.

A Teoria Crítica enfrenta essa cisão criticando a distinção entre teoria e prática vigente, mas sem abdicar de explicar as coisas como elas são e sem abdicar de mostrar as coisas como elas deveriam ser. Trata-se de um esforço de questionar o sentido mesmo de teoria e prática, evitando, assim, um conhecimento vazio e uma ação cega.

Uma teoria crítica, nesse sentido, não abdica de mostrar como as coisas são – a finalidade da teoria tradicional – mas considera essa exposição parcial, porque ela deixa de explicar a parte potencial de mundo que poderia ser e ainda não foi realizada.

As teorias tradicionais, dessa forma, seriam explicações parciais do mundo. Nesse sentido, o ponto de vista crítico é aquele que (i) faz com que o mundo como ele deveria ser faça parte do mundo como ele é hoje e que (ii) enxerga na própria realidade os elementos que impedem a realização dessa potencialidade. Isso significa que só é possível realizar os potenciais do mundo pela prática e que a própria relação entre teoria e prática é pensada de forma radicalmente diferente.

Desse modo, cabe a uma teoria crítica apresentar o mundo como ele é para poder superar (*Aufhebung*) através da ação os elementos impeditivos da realização dos potenciais de um mundo melhor, i.e., apresentar as tendências estruturais do mundo: o que impede a emancipação e o que a impulsiona.

Considerar ou atribuir à Teoria Crítica uma explicação mais adequada do capitalismo ou de negar a teoria tradicional são erros recorrentes que obnubilam o entendimento da teoria crítica da sociedade. Ela pretende entender o tempo presente, em vista de sua lógica de dominação – emitir um diagnóstico de tempo presente –, a partir de uma metodologia que pode ser chamada de *materialismo interdisciplinar*⁵ – o debate entre vários intelectuais de diversas áreas sobre uma mesma determinada questão, com vistas a emancipação da sociedade.

Esse primeiro modelo crítico, centrado na antropologia crítica da sociedade burguesa, foi bem importante não só para a primeira geração de teóricos críticos, mas para lançar as bases dessa forma de abordagem. O que mudou, então, para a escrita de *Eclipse da Razão*?

3 EN ROUTE E A FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

Em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* permanecia no horizonte a ideia de que as possibilidades de intervenção para transformar e tornar o mundo emancipado poderiam ser reabertas com a derrota do nazismo. Mas a derrota do nazismo pelas

⁵ Pesquisadores que trabalham em diferentes áreas do conhecimento têm como horizonte comum a teoria de Marx. Economistas, Cientistas Sociais, Psicólogos, teóricos do direito e da política, filósofos e críticos de arte colaboram para, em cada disciplina particular, produzir uma imagem da sociedade capitalista em seu conjunto, simultaneamente organizada em torno da valorização do capital e dotada de potenciais de superação dessa mesma dominação do capital.

tropas aliadas não foi convertida na restauração das possibilidades revolucionárias. O diagnóstico de tempo, presente em *Eclipse da Razão* e *Dialética do Esclarecimento*, foi o de que se constituiu um bloqueio estrutural da prática transformadora.

O modelo crítico da década de 30 produzido por Horkheimer tinha como ponto central a economia política. Já em *O Eclipse da Razão*, elementos antes auxiliares ou periféricos acabam por passar ao primeiro plano, deslocando a economia política da posição central ocupada anteriormente. Ao menos três eventos contribuíram com essa mudança: (i) as análises econômicas de Friedrich Pollock⁶, (ii) os estudos de Erich Fromm sobre a classe trabalhadora alemã⁷, e a (iii) ascensão do nazismo e do fascismo⁸.

A obra, escrita originalmente em inglês durante o período de exílio de Horkheimer nos EUA, é um compilado das transcrições de cinco palestras proferidas pelo filósofo na Universidade de Columbia no ano de 1944. Os principais objetivos da obra são apresentados logo em seu prefácio: “investigar o conceito de racionalidade subjacente à nossa cultura industrial contemporânea, a fim de descobrir se esse conceito não contém defeitos que o viciam em sua essência”,⁹ relacionando o impasse

⁶ As análises de Pollock apontam para uma passagem do capitalismo de uma fase concorrencial para uma fase monopolista, o que produziu como consequência uma crescente concentração de capital. Isso o leva a repensar as relações entre Estado e Capital. Além disso, não houve o colapso do Capital, mesmo depois da grande crise de 29. O surgimento de monopólios privados e a interferência governamental estavam destruindo empresas de médio porte e o livre comércio. Dessa forma, o sentido de Economia de Mercado, tal como entendido por Marx, mudou e os responsáveis por essas mudanças seriam: (i) concentração da atividade econômica ou empresas gigantes; (ii) controle governamental do sistema de crédito e do comércio exterior; (iii) quase monopólio por parte dos sindicatos e confederações; (iv) Desemprego em larga escala; (v) distúrbio dos mecanismos de mercado causados pela Primeira Guerra;

Para reconstituição completa do argumento Cf. Nobre, *Curso livre de Teoria Crítica*, p. 40-41 e Cf. Pollock, *Crise e transformação estrutural do capitalismo*.

⁷ Diferenciação no interior da classe proletária – melhoria de condições de vida de parte dela – impedia que se pudesse identificar apenas dois polos sociais – um pobre e outro rico –, o que acabara por dificultar a possibilidade de organização para ação unitária contra o poder do capital.

Cf. Nobre, M., *Curso livre de Teoria Crítica*, p. 41.

⁸ A resistência da classe trabalhadora foi insuficiente para resistir à dominação capitalista e que sua reorganização sob o regime nazista seria improvável por conta da repressão existente e do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e da ampliação do controle social.

Cf. Pollock, F., *Crise e transformação estrutural do capitalismo*, p. 8-34.

Mostra que a capacidade de resistência da classe trabalhadora à dominação capitalista fora superestimada, mas que a sua reorganização sob a brutal repressão nazista era muito improvável;

Desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e aumento das possibilidades de controle social;

⁹ *Eclipse da razão*, p. 8, p. v.

no pensamento filosófico com o dilema concreto da perspectiva humana em relação ao futuro¹⁰. A hipótese do autor:

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte do pensamento e da atividade humana, sua autonomia como um indivíduo, sua capacidade de resistir ao crescente aparato de manipulação de massa, seu poder de imaginação, seu juízo independente são aparentemente reduzidos¹¹.

Horkheimer investiga como o esclarecimento (*Aufklärung*), movimento sócio-político-cultural do século XVIII, que reivindicava a possibilidade ampliação do domínio humano sobre a natureza através do uso da razão para produção do progresso técnico – e, portanto, de um tipo de conhecimento que poderia constituir uma sociedade de livres e iguais, i.e., tornar a humanidade senhora da natureza e de seu próprio destino –, acabou por impulsionar o desenvolvimento da razão e esta, em seu desenvolvimento, mostrou-se apenas como instrumento de dominação.

Como, então,

[...] compreender por que a racionalidade das relações sociais humanas, ao invés de levar à emancipação, à instauração de uma sociedade de homens livres e iguais, acabou por produzir um sistema social que bloqueou estruturalmente qualquer possibilidade emancipatória, transformando os indivíduos em engrenagens de um mecanismo que não compreendem e não dominam e ao qual se submetem e se adaptam, impotentes?¹².

Começamos a entender o sentido de eclipse empregado aqui. Eclipse (do grego ἔκλειψις / *ékleipsis*, “desaparecimento”, “abandono”, “privação”) é empregado não apenas no sentido do obscurecimento total ou parcial, o desaparecimento momentâneo ou a decadência da razão, mas a transformação e o deslocamento que o conceito de razão sofre ao longo de sua história, passando do seu polo objetivo para o seu polo subjetivo, objeto de minucioso escrutínio do primeiro capítulo do livro, intitulado *Meios e Fins*.

¹⁰ Cf. Eclipse da razão, p. 8, p. v.

¹¹ Eclipse da razão, p. 7-8, p. v.

¹² Nobre, M., *A teoria crítica*, p. 50.

Essa relação entre a razão objetiva e subjetiva não é simplesmente uma relação de oposição, mas é um processo de formalização, constituído justamente pela passagem do predomínio do polo objetivo para o do polo subjetivo. Horkheimer revisita a história da filosofia ocidental abordando o embate entre fé e razão, religião e filosofia, arte, verdade, sociedade, a relação entre natureza e indivíduo e as consequências desse processo de formalização da razão nesses âmbitos para a vida.

Como são entendidos esses polos da faculdade de razão? A razão objetiva seria o atributo humano capaz de compreender a estrutura fundamental e abrangente do ser em si mesmo, segundo conotações universalistas que seriam capazes de definir as relações eticamente adequadas na relação dos seres humanos com a natureza e entre eles mesmos. Ela poderia, assim, e eu cito novamente Horkheimer, estabelecer julgamentos éticos, conhecer o mundo e coordenar o domínio da natureza de acordo com os fins verdadeiramente válidos, definidos por uma racionalidade universal capaz de definir os critérios para ação correta¹³. Ela teria como foco os conceitos e seus significados, visando uma reflexão ética justamente sobre os fins.

A razão subjetiva seria responsável pelo cálculo e implementação do domínio técnico instrumental da natureza, a partir de relações de custo e benefício. Ela se constitui dessa forma como um instrumento pragmático que é indiferente a critérios transcendentais de julgamento. Ela permite o conhecimento e o domínio eficaz da natureza, mas de forma totalmente indiferente a critérios universalistas ou alheios ao recorte e ao contexto particular da ação. A primazia do cálculo e da eficiência técnica passa a governar o pensamento.

Em suma, o polo objetivo da razão está atrelado à ética e à universalidade, enquanto o polo subjetivo configura-se pela primazia da técnica e por se constituir de modo relativista. Existe, assim, segundo Horkheimer, uma contradição entre o particular e o universal, ou, melhor dizendo, entre meios e fins.

¹³ Cf. o capítulo Meios e Fins de *Eclipse da Razão*.

Esse processo de progressiva racionalização, segundo Horkheimer, acaba por transformar o modo de estarmos e nos relacionarmos no mundo, erodindo justamente a finalidade pela qual a primazia da razão é reivindicada: o avanço dos meios técnicos do esclarecimento é acompanhado por um processo de desumanização, que faz com que o progresso possa anular o próprio objetivo que ele supostamente deveria realizar, a saber, a ideia de humano.

A razão subjetiva aumenta e aperfeiçoa a técnica e esse aperfeiçoamento, no qual o esclarecimento apostava todas as suas fichas, procede de modo a erodir e a esvaziar o significado e valor de todos os conceitos até então basilares para a orientação da vida – verdade, bem, belo, justo, igualdade, liberdade, tolerância etc. – e isso coloca a eficácia acima da verdade, transforma a razão em mera faculdade de coordenação entre meios – mais eficientes – para alcançar fins – mais imediatos. E isso permite uma das conclusões mais impactantes da obra: “Não é o sono da razão que engendra monstros, mas seu próprio exercício”¹⁴.

4 E SCHOPENHAUER COM ISSO?

Toda a argumentação de Horkheimer é fascinante e, obviamente, por conta do meu objeto de análise, eu não posso reconstitui-la em todas as suas minúcias, mas devo encaminhar a apresentação da proposta norteadora desse meu artigo: como Schopenhauer nos ajuda a entender esse eclipsamento da razão?

Em uma acepção muito ampla de pessimismo, poderíamos afirmar que o diagnóstico de tempo presente de Horkheimer, ao analisar o processo de subjetivação da razão nos âmbitos da espiritualidade, do esvaziamento de conceitos como arte, verdade, ao por em revista filosofias de seu tempo (pragmatismo, tentativa de volta ao aristotelismo-tomista, etc.), da relação entre o indivíduo e a natureza, da crise do indivíduo, das formas sofisticadas de dominação que se erigiram e de, assim, mostrar que a razão, abrindo mão de sua autonomia transformou-se apenas em um instrumento, seria por si mesmo pessimista.

¹⁴ Huisman, D., *Dicionário de Obras Filosóficas, Eclipse da Razão*, p. 154.

O diagnóstico apresentado revela que cada um desses âmbitos analisados aprofundou as relações de dominação e a da adaptação dos indivíduos ao molde das sociedades industriais. Passagens que enunciam que a vida tende a tornar-se um questionário ou uma lista de atividades a serem cumpridas dão um tom sombrio à análise: “Desde o dia de seu nascimento, o indivíduo é levado a sentir que há apenas um caminho para se dar bem neste mundo – desistir da esperança de autorrealização absoluta”¹⁵. A verdade, ao ser retirada do âmbito da religião, perde a sua função objetiva, mata o aspecto transcendente da vida e se torna apenas uma ferramenta útil para o cálculo tecnicista de utilidade e ganho. O mundo torna-se, cada vez mais, administrado e planificado. Cada mínimo detalhe do viver passa a ser controlado – vide o exemplo dado pelo autor de como dirigir passou a ser regulado em seus mínimos detalhes (talvez Horkheimer tenha reprovado no teste de direção e teve sua carteira de motorista negada, quem sabe?).

Esses fatores, somados ao declínio da teoria, certamente corroboraram com o desencantamento do mundo em seus dois sentidos: (i) a perda da dimensão mítica da vida e, portanto, do deslumbramento com o mundo e a (ii) decepção e o desgosto com o mundo mesmo.

Todas essas constatações e afirmações seriam suficientes para aproximação com a filosofia schopenhaueriana? Uma leitura à esquerda, segundo os critérios do professor Lütthaus – que espero, a essa altura do campeonato, todo mundo já conheça bem¹⁶ –, aproximaria ainda mais Horkheimer de Schopenhauer.

A célebre frase “Pessimista metafísico, otimista prático”, atribuída a Schopenhauer por Horkheimer e popularizada no Brasil por Jair Barboza, poderia ser aplicada ao próprio Horkheimer. Apesar da dimensão metafísica do sofrimento e do

¹⁵ Cf. *Eclipse da Razão*, p. 156, p. 95-96.

¹⁶ Em caso negativo: Cf. Durante, F., *A esquerda schopenhaueriana no Brasil*, p. 137-147; Cf. Durante, F., *Esquerda e direita na interpretação da filosofia schopenhaueriana*, p. 427-444; Cf. Durante, F., *Entre heresias e atualidades de Arthur Schopenhauer*.

pessimismo social, existem possibilidades de resistência: no indivíduo deixado sozinho¹⁷ e na filosofia.

Ambos seriam, nessa chave de leitura, filósofos contrários ao imobilismo, à apatia, à resignação como mera aceitação das coisas como elas são e, portanto, não quietistas. Nesse momento, estou inclinado a afirmar de que se Schopenhauer não aparece na letra desse escrito de Horkheimer, o seu espírito e força, de certa forma, se fazem presentes. Não como pessimismo metafísico e um otimismo prático, mas como um pessimismo metafísico e um pessimismo pragmático, crítico e transformador. Talvez eu esteja apenas reforçando obviedades de forma pomposa, mas são essas obviedades que fazem com que a frase com a qual iniciei minha comunicação seja tão verdadeira.

REFERÊNCIAS

Durante, F. A esquerda schopenhaueriana no Brasil. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 137–147, 2018. DOI: 10.5902/2179378633548. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33548>. Acesso em: 10 janeiro. 2026.

Durante, F. Esquerda e direita na interpretação da filosofia schopenhaueriana. In: Bavaresco, A. et al. (org.). *Hegel e Schopenhauer*. São Paulo: ANPOF, 2019. p. 427-444.

Durante, F. *Entre heresias e atualidades de Arthur Schopenhauer*. Campinas: Editora Phi, 2022.

Horkheimer, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2015.

Horkheimer, M. *Eclipse of Reason*. London/New York: Continuum, 2004.

Horkheimer, M. Teoria tradicional e teoria crítica. In: Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Textos escolhidos*. In: Coleção Os Pensadores, volume XLVIII – São Paulo: Abril Cultural, 1975.

Horkheimer, M. *Bemerkungen zu Schopenhauers Denken im Verhältnis zu Wissenschaft und Religion*. Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft, Frankfurt am Main, v. 53, p. 71–79, 1972

Horkheimer, M. *Die Aktualität Schopenhauers*. Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft, Frankfurt am Main, v. 42, p. 12–25, 1961.

¹⁷ Cf. *Eclipse da Razão*, p. 156. Existem ainda algumas forças de resistência dentro do homem. É uma evidência contra o pessimismo social o fato de que, apesar do contínuo assalto de padrões coletivos, o espírito da humanidade esteja ainda vivo, se não no indivíduo como um membro de grupos sociais, pelo menos no indivíduo na medida em que é deixado sozinho.

Horkheimer, M. Kritische Theorie gestern und heute. In: HORKHEIMER, Max. *Gesammelte Schriften Band 8: Vorträge und Aufzeichnungen 1949-1973*. Editado por Gunzelin Schmid Noerr. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1985. p. 336-353.

Horkheimer, M. *Pessimismus heute*. Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft, Frankfurt am Main, v. 52, p. 1-7, 1971. Versão publicada de conferência lida em 11 nov. 1969.

Horkheimer, M. *Religion und Philosophie*. Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft, Frankfurt am Main, v. 48, p. 3-9, 1967.

Horkheimer, M. *Schopenhauer und die Gesellschaft*. Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft, Frankfurt am Main, v. 36, p. 49-57, 1955.

Huisman, D. Eclipse da Razão. In: HUISMAN, D. *Dicionário de Obras Filosóficas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Jay, M. *A imaginação dialética*. História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

Nobre, M. (Org). *Curso livre de teoria crítica*. Campinas: Papirus, 2008.

Nobre, M. *A teoria crítica*. In: Coleção Filosofia passo-a-passo; 47. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2004.

Pollock, F. *Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941*. Organização e tradução de Amaro Fleck e Luiz Philipe de Caux. Florianópolis: NEFIPO/UFSC, 2019

Schopenhauer, A. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Schopenhauer, A. *Arthur Schopenhauers sämtliche Werke*. Hrsg. von Paul Deussen. Munique: R. Piper, 1911-1942. p. 367-584.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

1 – Felipe dos Santos Durante

Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<https://orcid.org/0000-0003-2619-9612> • xfelipedurantex@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Durante, F. S. Schopenhauer e o Eclipse da Razão. *Voluntas Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria - Florianópolis, v. 17, n. 1, e96882, p. 01-11, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179378696882>.